

A ROUPA MUDA O CORPO: A MODA COMO DISFARCE

Clothes changes the body: fashion as disguise

Silva, Kerolyn de Matos; Graduada, Universidade Federal de Minas Gerais,(kerolyn.ms@gmail.com¹)

Santiago, Lucia Aparecida Felisberto, Mestre, Universidade Federal de Minas Gerais²
(lfsantiago@gmail.com)

Resumo O presente artigo é uma investigação da capacidade do vestuário em aparentemente provocar alterações nos usuários, que estão ligadas as características físicas dos seus corpos e também ao imaginário de suas personalidades, refletindo também nos seus modos de se portar e comportar.

Palavras-chave: roupa; corpo; percepções corporais; comportamento; máscaras.

Abstract The present article is an investigation of the capacity of clothing in apparently causing changes in the users, which are linked to the physical characteristics of their bodies and also to the imaginary of their personalities, also reflecting on their ways of behaving.

Key words: clothes; body; corporal perceptions; behavior; masks.

¹ Estilista, Graduada em Design de Moda pela UFMG (2017).

² Estilista, Mestre em Artes Visuais pela UFMG (2014). Graduada em Educação Artística (1995) e Desenho e Plástica (1998) pela UEMG. Professora do Departamento de Desenho no Curso de Design de Moda da UFMG.

Introdução

Inteiramente ligada a linguagem corporal, entende-se aqui a postura como um estado de estar do corpo, assim como a forma de agir, que é influenciado pelo próprio indivíduo, mas também pelo meio que o rodeia. Como afirma Giddens (2002):

“A postura é fortemente influenciada pela pluralização dos ambientes. O indivíduo não só deve estar preparado para interagir com os outros nos espaços públicos, onde se espera que a postura atenda a certos critérios gerais de competência cotidiana, mas também deve ser capaz de ter um comportamento apropriado em grande variedade de ambientes e lugares. Naturalmente, até certo ponto, os indivíduos ajustam tanto a aparência quanto a postura de acordo com a maneira como percebem as demandas do ambiente particular.” (Ibidem p.96)

Monneyron (2007) comenta que “[...] se não nos vestimos da mesma maneira para ir ao cinema, a um jantar, a um concerto ou a um jogo de tênis, não nos comportamos também da mesma maneira conforme as roupas que usamos [...]” (Ibidem, p.11).

Portanto, a aparência do indivíduo se relaciona com sua postura, pois:

A aparência corporal diz respeito a todas as características da superfície do corpo, incluindo modos de vestir e de se enfeitar, que são visíveis pelo indivíduo e pelos outros, e que são normalmente usados como pistas para interpretar as ações. A postura determina como a aparência é usada pelo indivíduo dentro dos ambientes genéricos das atividades cotidianas; e como o corpo é mobilizado em relação às convenções constitutivas da vida diária (GIDDENS, 2002 p. 95).

Dessa forma, o indivíduo pode estar livre para moldar sua postura e o vestuário auxilia nesse processo por comunicar algo a respeito do usuário. Por isso, talvez a cada ocasião percebe-se que é necessário vestir de diferentes formas, pois a roupa é dotada de significados que foram sendo construídos na sociedade.

O conhecimento dos significados que as roupas possuem é aliado da construção da imagem de um sujeito, porém é necessário não só se vestir, mas também se comportar de determinada forma, ou seja, se trata da postura do indivíduo. O que está relacionado com a proposta da moda, que é justamente não só vestir, mas também dar significados as pessoas, pois se trata de roupas, mas também estilo.

Entretanto, é através das roupas que o corpo pode ser moldado, disfarçado e comunicado. O indivíduo necessita de se ver vestido do estilo ou do corpo que julga ser mais atraente para acreditar ser.

A Moda e seus artifícios

Através da história do vestuário ficam evidentes os artifícios que compunham o vestuário. Aparentemente eles eram capazes de redesenhar o corpo, criando novas silhuetas. Elementos como enchimentos, rufos, anquinhas e crinolinas, além de modificar o corpo, provocavam respostas na forma do indivíduo se portar, com a movimentação limitada, corpo ereto ou cabeça erguida, como afirma Lurie (1997): “A história do vestuário europeu está repleta de estilos, nos quais era literalmente impossível exercer qualquer atividade útil [...]. Essas roupas proclamavam, ou melhor, exigiam, uma vida improdutiva e o auxílio permanente dos criados” (Ibidem, p.152).

Em alguns casos, esses artifícios fixados nas roupas estavam ligados a moldar o corpo da forma mais atraente para época. No século XIX, por exemplo, as mulheres comprimiam a cintura com espartilhos para apresentar a silhueta “S”.

Entretanto, “[...] a nossa sociedade continua, ainda hoje, reproduzindo padrões de beleza, impondo certas condutas em busca da sedução e do reconhecimento do outro” (CIDREIRA, 2005, p.35). Dessa forma, os artifícios ainda aparecem no vestuário.

Em um diálogo escrito por Giacomo Leopardi entre a Morte e a Moda, a vontade da última em transformar corpos e submetê-los fica evidente:

Na verdade, em geral eu convenço e obrigo todas as pessoas civilizadas a suportar todos os dias mil dificuldades e desconfortos, muitas vezes com dor e agonia, e algumas até a morrer gloriosamente por amor a mim. Nem quero mencionar as dores de cabeça, os resfriados, as inflamações de toda sorte, as febres cotidianas, terçãs e quartãs que os homens apanham para me acatar, dispondo-se a tiritar de frio ou sufocar de calor segundo meus desejos, cobrindo suas cabeças com pano de lã e seus seios com linho, e fazendo tudo quanto lhes é nocivo... (LEOPARDI apud SVENDSEN, 2010, p. 136).

A submissão dos corpos pela moda, ou as roupas, são provenientes do interesse em construir uma figura para si. “As imagens dos corpos esculpidos pelo vestuário nos permitem esboçar interpretações sobre o que é ser, estar em e pertencer a; e, ainda, o sentido que a roupa agrega ao corpo na experiência social e individual é o que sublinha de modo emblemático a nossa identidade de habitantes da cidade [...]” (PITOMBO, 2008, p.4). Sendo assim, o indivíduo passa a se vestir para se resignificar, de forma que a forma do seu corpo, atitudes e posturas são transformados.

O vestuário possui significados intrínsecos que são definidos culturalmente e busca-se atingir a imagem desejada através do conhecimento dos valores atribuídos a roupa. Sendo assim, o sujeito agirá de acordo com a noção preestabelecida que possui da forma ideal de se comportar com aquele traje. A roupa pode mudar a forma de agir devido a visão que se tem da personalidade que ela suporta.

Mirkin (2001) afirma:

Quando usamos roupa excitante, nossa linguagem corporal é sutilmente alterada. A mulher não anda pela rua do mesmo jeito se usa uma minissaia com saltos altos ou calças jeans com botas. Andar e se mexer nesses estilos muda a postura da mulher dado a cada movimento um ar sedutor, artificial. Quando usamos roupas que evidenciam nossos corpos, desviamos a atenção do rosto para o corpo. Roupas colantes moldam, erguem e projetam partes dos nossos corpos, ao contrário de roupas mais soltas, com mais pano, que chamam a atenção para o nosso rosto (Ibidem, p. 60).

O modo de andar da mulher citada por Mirkim e a projeção do seu corpo, podem ser alterados não só por questões físicas, mas também por na cultura em que vivemos o uso da minissaia e saltos altos ter um significado de feminilidade, sensualidade e sexualidade, exigindo que a usuária se comporte de tal forma.

A moda é um dos fatores responsáveis pelos valores intrínsecos no vestuário. Goés e Villaça (1998) explicam que “ao oferecer uma proposta, [...] a moda se produz como arquivo e vitrine do ser/parecer, sugerindo comportamentos e atitudes, fabricando selfs performáticos por meio de sutis recriações dos conceitos de verdade, de bem e de belo” (Ibidem, p.107).

“Parece-nos que, em nossa cultura, mais do que reinventar a moda, a procura é reinventar o próprio corpo, dotando-o de novos significados, exibindo-o de diferentes formas ocultando ou revelando diferentes partes e ampliando, portanto, sua capacidade de significação” (CASTILHO, 2004, p.86).

Entretanto, a moda passou a ser o próprio artifício que dota o corpo de novos significados e é capaz de alterar sua estrutura, com formas que dão diferentes silhuetas através de modelagens, aviamentos, combinações de cores e estampas que influenciam diretamente no corpo.

Christian Dior (2009) comenta:

A arte de disfarçar é muito importante, Muito do conhecimento de um estilista está relacionado ao disfarce, pois a perfeição é rara no mundo e é trabalho do estilista torná-la perfeita.

Nas mãos de um expert, muito pode ser feito a partir de cores inteligentes e de um pouco de revestimento. Casacos e tailleurs, especialmente, podem ser construídos em uma pessoa (Ibidem, p.21)

Dior atribui ao estilista, e conseqüentemente a moda, o papel de criar corpos perfeitos através de artifícios. No entanto, na era contemporânea a moda não só tenta tornar o corpo perfeito, mas também trabalha em desconstruí-lo e talvez criar um novo ideal de perfeição.

A moda parece ter um caráter muito próprio, no qual está sempre desenvolvendo novos corpos. A anatomia natural humana a todo o momento é questionada pelos caprichos de suas propostas. Baudrillard comenta:

A moda sempre viu o corpo como empecilho para a experimentação. Secretamente sempre lhe desejou a morte, a moda não quer vestir o corpo: ela quer criar um corpo que lhe sirva de complemento. Que corpo (de carne, de plástico, madeira?) é o mais adequado para a moda (BAUDRILLARD apud VILLAÇA, 2011, p.152).

Nas passarelas de moda se pode encontrar silhuetas inusitadas que justamente criam novas formas de corpos. Alguns estilistas como Rei Kawakubo, Alexander McQueen, Yohji Yamamoto e Issey Miyake, são reconhecidos pelas formas peculiares de suas criações.

Sendo assim, a medida que a moda muda o corpo também sofre transformações.

Tradicionalmente vista como sistema de representação rígida e distintivo de classes, profissões, etc., a moda adquire hoje o sentido

de uma estratégia corporal na busca de mais expressão, propiciando movimentos de simulação e dissimulação, aumentando o poder do corpo de afetar e ser afetado (GOÉS, VILLAÇA, 1998, p.112-113).

A roupa e a moda parecem ter uma característica própria de elaborar mascarar, recriando o corpo fisicamente e moldando o imaginário dos valores e significados de um indivíduo. Castilho (2004) afirma:

A roupa [...] veste o corpo, recobrando-lhe com uma segunda pele, o que lhe confere uma constituição anatômica muito diversa. A roupa constrói-se como linguagem, e, como tal, altera a estrutura física do corpo, imprimindo em sua plástica, novos traços, novas linhas, novos volumes e novas cores. Essa caracterização que o traje traz ao corpo é o que faz com que o sujeitos executem performances para aquisição desses elementos que vão revestir sua massa corpórea (CASTILHO, 2004, p. 88).

Pitombo (2008) comenta que a moda é capaz de disfarçar a natureza do corpo dos indivíduos citando o que entende da visão de Simmel, no qual o autor “associa o uso da roupa a um mecanismo de proteção, capaz de esconder, proteger a verdadeira essência por detrás da aparência” (Ibid.,p.4).

[...] o corpo vestido assume a sua plena competência para atuar. Pelos seus atos, o corpo vestido realiza a sua grande performance em situações concretas do seu contexto social, que é a de produzir uma visualidade para o sujeito. O corpo vestido mostra os modos de o sujeito estar no mundo, a sua presença (CASTILHO; OLIVEIRA, 2008, p.93).

Considerações Finais

Este artigo buscou relacionar o ato de vestir e seus impactos no corpo que estão relacionados com as maneiras dos indivíduos se comportarem com as roupas e as transformações visuais sofridas pelo corpo.

No desenvolvimento do artigo pode se perceber como a estrutura das peças e seus valores intrínsecos se relacionam com os modos de agir do usuário, levando a crer que a maneira como o indivíduo se enxerga com uma roupa determina seu comportamento. Além dos aspectos físicos, ou seja, a capacidade do vestuário em moldar o formato de uma pessoa, os significados atribuídos a diferentes estilos de roupas também podem fazer o comportamento ser alterado.

O vestuário pode ser usado para a reinterpretação de si, no qual muitas vezes ele se torna uma espécie de máscara. As formas corporais podem ser

manipuladas com a vestimenta, assim como o estereótipo do indivíduo. O fato de se acreditar que uma peça possui certos significados é um importante fator nesse processo.

Esse aspecto da roupa é explorado pela moda, que sugere novos corpos e maneiras de agir com suas tendências. A moda, portanto, não só promove mudanças sazonais de roupas, mas também de comportamentos e definições dos corpos.

Dessa forma, a moda, e conseqüentemente a roupa, estão ligadas a aspectos físicos e psicológicos, além de culturais, na sua relação com o corpo. Sua habilidade de modifica-lo resulta em transformações no indivíduo, ainda que temporárias, capazes de dar a ele novos significados.

Referências

- CASTILHO, Kathia. Moda e linguagem. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.
- CIDREIRA, Renata Pitombo. Os sentidos da moda: vestuário, comunicação e cultura. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2007.
- CIDREIRA, Renata Pitombo. As formas da moda: comportamento estilo e artisticidade. São Paulo: Annablume, 2013.
- CRANE, Diana. A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas. 2 ed. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2009.
- DIOR, Christian. O pequeno dicionário de moda: um guia do bem-vestir para toda mulher. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- DIOR, Christian. Conferências escritas por Christian Dior para a Sorbonne, 1955-1957. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.
- GÒES, Fred; Villaça, Nilza. Em nome do corpo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LE BRETON, David. Adeus ao corpo: antropologia e sociedade. Campinas, (SP): Papyrus, 2003.
- LURIE, Alisson. A linguagem das roupas. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MONNEYRON, Frédéric. A moda e seus desafios: 50 questões fundamentais. São Paulo: Senac, 2007.

OLIVEIRA, Ana Claudia de; CASTILHO, Kathia. Corpo e moda: por uma compreensão de contemporâneo. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

PASCHOARELLI, Luis Carlos; SANTOS, Raquel; SILVA, José Carlos Plácido da. Ergonomia: aspectos do conforto e constrangimentos de atividades. Rio de Janeiro: Rio Books, 2010.

PITOMBO, Renata. A máscara da moda e as cenas contemporâneas. In: Colóquio de Moda, 2008, Novo Hamburgo/RS. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/4-Coloquio-de-Moda_2008/42124.pdf> Acesso em: 10 set. 2015.

PRECIOSA, Rosane. Produção estética: notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida. 2 ed. São Paulo: Ed. Anhembi Morumbi, 2007.

QUEIROZ, Mário. O herói desmascarado: a imagem do homem na moda. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

ROCHE, Daniel. A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII). São Paulo: Senac São Paulo, 2007.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. Teoria de moda: sociedade, imagem e consumo. 2 ed. São Paulo: Estação das Letras, 2009.

SANTAELLA, Lúcia.; ARANTES, Priscila. Estéticas tecnológicas: novos modos de sentir. São Paulo: EDUC, 2008.

SIMMEL, Georg. Filosofia da moda e outros escritos. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008.

SORCINELLI, Paolo; MALFITANO, Alberto; PRONI, Giampaolo. Estudar a moda: corpos, vestuários, estratégias. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2008.

SVENDSEN, Lars Fr. H. Moda: uma filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

VILLAÇA, Nízia. A edição do corpo: tecnociência, artes e moda. Barueri: Estação das Letras, 2007.